



**A VIDA DO LUNTO**  
**FOLHA**  
 JOCO-SERIA-ILLUSTRADA  
 PUBLICA  
 REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.  
 VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.  
 ASSIGNA-SE  
 RUA DO OUVIDOR  
 59  
 SOBRADO  
 PREÇOS.

| CORTE               |        | PROVINCIAS         |        |
|---------------------|--------|--------------------|--------|
| Um mez . . . . .    | 22000  | Semestre . . . . . | 112000 |
| Trimestre . . . . . | 52000  | Anno . . . . .     | 212000 |
| Semestre . . . . .  | 102000 | Avulso . . . . .   | 500    |
| Anno . . . . .      | 202000 |                    |        |

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHÉ

por Amedéc Achard.

## Primeira parte

(Continuação.)

## CAPITULO IX

A CRUZ DE MALTA

A presença do Reinaldo e Carquefou, sempre tão folgazões, alegrou um pouco Adriana. Demais orações um valioso reforço para Armando, que talvez não pudesse sosinho arrostar os perigos da longa viagem que começava a empreender.

Abandonarão a estalagem do *Pato de Ouro*, e atravessarão a França sem accidente. Chegando a Flandres dirigiram-se para uma taverna, onde se achava hospedado um fidalgo hespanhol, com o qual começaram a conversar.

Este novo personagem era um cavalheiro com voz adocicada, sempre do chapéu na mão e com um beatifico sorriso nos lábios. «Da sua cinta pendia um rosário de sôris do ouro e ébano.

«Chamo-me D. Gaspar d'Albacete e Buitrago, disse o fidalgo hespanhol. Conheço esta hospedaria e posso assegurar-lhes que seu dono é um honrado christão que não esfolta muito os viajantes que a Divina Providencia lhe envia. Aqui estareis quasi como em minha casa.»

A mesa foi posta sob um caramanchão no jardim. Armando convidou D. Gaspar a tomar parte na refeição.

«Posto que costumo viver com muita simplicidade, deixarei hoje meus habitos, para não perder o ensejo de estar em tão boa companhia, disse o hespanhol sentando-se o persignando-se.

— F' algum pai da igreja, disfarçado em gentil homem, pensou Reinaldo.

— Oh lá, Peters, vem cá ! disse em alta voz D. Gaspar.

Um eriado pequeno e magro, pallido e disforme, acudio tremulo ao chamado.

«Vês estes jovens fidalgos, mariola ? São meus amigos ; se não os serves com zelo e urbanidade, cortar-te-hei as orelhas e obrigarte-hei a comê-las grelhadas. Agora, suae-te, perala ! » disse D. Gaspar, arremessando um prato sobre Peters, como que para apoiar sua recommendação ; e depois voltando-se e tomando assento ao lado de Adriana, continuou :

«Se não inspira sem se qualitar terror a vossas mães, fideiros, que seria de nós ! »

Durante a refeição, o cavalheiro fez praça de amabilidade com todos ; mostrou-se galanteador com Adriana, espirituoso com Reinaldo e fidalgo de fino trato com Armando. Contou mil historias, que não abusavam muito sua modestia ; e, se bem que apegasse continuamente ser o mais humilde entre os servos de Deus, lobou como uma esponja, e fallou repetidas vezes de suas jóias, roudas e tecidos finissimos. Assegurou que possuia cofres cheios de pedras preciosas, das quaes só usava para poder ter occasião de offerece-las ás pessoas que apreciavam semelhantes futilidades, e tirando um dos muitos anneis que trazia nos dedos offereceu-o a Adriana.

— Agradeçida ! disse ella afastando a joia.

— Guardo suas pedrarias ! acrescentou Armando seccamente.

— Com a bréca ! Isto não é entretanto senão um rubim de pequeno valor ! e, por minha alma, creio que elle assentaria melhor na minha mão desta senhora, do que na grosseira mão de D. Gaspar d'Albacete e Buitrago !

— Que tal o padrece ! disse Reinaldo a meia voz a Carquefou.

— Tem os dedos cobertos de vagalumes ! retorquiu este.

Armando e Adriana, um tanto sorprezos, trocárão um olhar. Pouco depois levantárão-se da mesa.

O joven de La Guerché, ao entrar no seu quarto, estava menos tranquillo do que quando chegou a estalagem da *Cruz de Malta* ; começava a duvidar da santidad do cavalheiro, que trazia sobre si tão bonitos rubins e que os offerecia tão facilmente. A noite passou-se sem novidade. Os dois amigos tinham resolvido partir na tarde seguinte ; porém, pela volta do meio-dia, D. Gaspar iustou muito para que não seguissem viagem antes da ceia. Armando e Reinaldo consultárão-se com os olhos ; não sabião que pretexto haviam de dar para não acceitarem um convite feito com tanta amabilidade e instancia. Carquefou dizia com os olhos : não percamos a ceia !

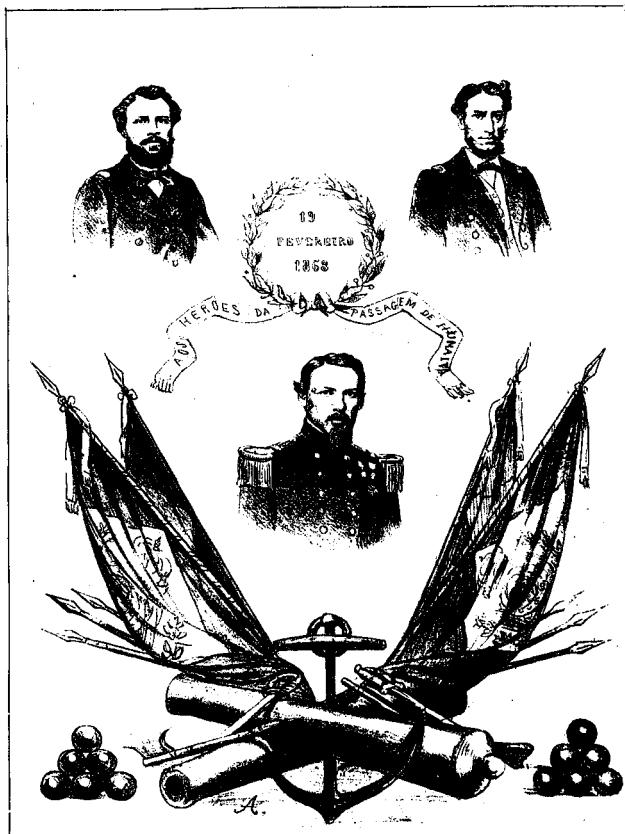
D. Gaspar, aproveitando-se da indecisão dos dous, proseguio :

«Pico apenas o sacrificio do meu dia. Quero heber ao feliz exito de vossa viagem, e desejo que um cavalheiro, meu amigo, tão valente quanto piedoso, participe tambem da ventura que tive de encontrei-vos.

Receiando offender D. Gaspar, resolveu Armando passar mais uma noite na estalagem. O hespanhol desfez-se em agradecimentos. Carquefou não cabendo em si de contente segredava a Domingos :

— Crêde-me. Quando a Providencia pôde no caminho da vida uma boa ceia, nem, sahada de vinhos generosos, é ser impio não acceita-la.

(Continua na pagina 119)



CAPITÃO TENENTE ARTHUR SILVEIRA DA MOTA,  
Comandante do encouraçado *Barroso*.

CAPITÃO TENENTE JOAQUIM ANTONIO CORDOVIL MAURITY,  
Comandante do monitor *Atagoa*.

CHEFE DE DIVISÃO DELPHIM CARLOS DE CARVALHO,  
Barão da Passagem.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1868.

Damos na primeira pagina illustrada do presente numero os retratos de tres dos heróis da passagem de Humayá.

O capitão de mar e guerra Delphin Carlos de Carvalho dirigio a expedição.

O primeiro tenente Maury, commandante do monitor *Alagoas*, superou os mil revêzes com que a adversidade tentou acabruhá-lo e cada um dos quaes bastaria para desanimar um bravo marinhaeiro.

O capitão tenente Silveira da Motta, commandante do encouraçado *Barrozo*, foi o primeiro official da armada nacional que transpoz as afamadas correntes de Humayá.

O Sr. Delphin Carlos de Carvalho foi promovido a chefe de divisão, nomeado Barão da Passagem e obteve uma pensão annual de 1:200\$ réis.

O Sr. Maury, além do igual pensão, foi promovido a capitão-tenente e agraciado com o habito do Cruzeiro.

O Sr. Silveira da Motta ainda nada obteve, mas estamos intimamente convictos que o Governo Imperial não deixará passar muitos dias sem recompensar dignamente o relevante serviço prestado por tão digno official.

Festas! Festas!

Os corações se expandirão de alegria.

A cidade transformou-se n'um encantado jardim. Por toda a parte tremulava o vento de bandeiras, cintilavam milhares de luzes!

Musicas alegres, hurras frônticos, ruidosos foguetes, retumbantes salvas de artilharia atrovão os ares!

Nas ruas e praças o povo em pinhaão, vinha, cruzava-se em todos os sentidos, acotovelando-se compacto e movevido como o superficie do mar.

E durante os tres dias em que o coração da cidade pareceu arcar sob o peso de tanta gente, nenhum desordem, nem o mais leve disturbio mançou o brilho da festa.

Em todos os semblantes só reinava o contentamento. Nicos e pobres, titulares e plebeus, todas as classes confraternizaram, confundiram-se, reduziram-se a uma

única: crão todos brasileiros, e como taes entoavam hymnos em louvor dos bravos que com inextinguível arrojo e pericia transpuzerão o terrível canal de Humayá.

Folgamos de ver que a maxima parte dos estrangeiros residentes na capital do Imperio participarão do nosso jubilo, e de todo coração lhes agradeceremos as inequivocas provas de sympathia com que nos mimosearão durante os tres dias de festa nacional.

Allemaes, francezes, inglezes, italianos, hespanhotes, alegrão-se com a nossa alegria, confundirão seus caprichosos brados com as acclamações que fizemos. A todos protestamos eterna gratidão, principalmente aos portuguezes, que não só illuminarão e embandeirarão suas casas, como percorrerão a cidade com bandaja musical, dando freneticos — vivas! — á armada nacional.

Um ou outro estrangeiro, bem poucos, affeito ás sensaborias do *Ba-ta-clan* encontrou na nossa alegria campo vasto para a maledicencia.

Ouvimos um dellos dizer:

— Tauto barulho por tão pouco! Que farão então os tolaessem Melakof?

Que fariam, não sei; mas o que posso assegurar é que nenhum brasileiro seria capaz de proceder assim estando em paz estrangeiro, porque todos nós sabemos respeitar a hospitalidade que nos dão.

Está aberta uma subscrição, cujo producto é destinado á confecção dos retratos dos Excellentissimos Srs. Marquez de Caxias, Visconde de Inhauma, e Barão da Passagem, e do Capitão-Tenente Cordovil Maury.

Os retratos serão feitos a oleo, de trabalho natural, e collocados n'uma das salas da Praça do Commercio.

Outra subscrição se acha igualmente aberta para offerecer-se uma espeda de honra ao intepido commandante do monitor *Alagoas*.

Respeitamos, louvamos mesmo as intenções dos patronos de ambas as idéas. Nada mais justo do que dar um testemunho nacional de apreço aos heróis do dia 19 de Fevereiro.

O governo já fez o que pôde; a nação corre agora o dever de galardear tão relevante serviço.

Mas bastarão os retratos, collocados na Praça do Commercio? Serão esses quatro os unicos brasileiros que bem merecerão da patria? Não ha ainda outros que com não menos luzaria se expozerão ao mesmo perigo?

Vamos! Fazemos as cousas em termos!

A historia do Brazil já conta muitos incidentes dignos de serem transmitidos aos nossos posteror. E no entanto não temos so não uma d'essas paginas de bronze em que os outros povos costumão escrever os nomes dos seus heróis!

Fazemos como as outras nações costumão fazer.

Elvemos uma pequena columna do granito e bronze, ou do bronze só, e inscrevamos n'ella a data da victoria e os nomes dos que mais se distinguirão.

Tudo o mais será tancanh, não estará em relação com a grandeza do feito.

A passagem de Humaytá deve ter feito calafrios aos entusiastas architectos do Martim Garcia!

O corpo de urbanos tambem andou na terra feira pelas ruas dando burrabis.

Nada mais natural. Todos os filhos d'este abençoado torão tihão igual direito do patentearem seu contentamento. Mas... ahí vai uma pergunta innocente: Quem polleia n'essa noite a cidade?

Ha dias em que penso. Hontem foi um d'elles. Dejois de pensar muito descobri que — todos os homens são iguaes perante a lei... da morte. —  
Pego alviçaras pela descoberta.

A *Tribuna* de Buenos-Ayres diz em um dos seus ultimos numerus que nos vulcanes soldaos argentinos se deve a victoria alcançada na manhã de 19 do Fevereiro pelo exercito aliado.

Já out'ora disse a mesma *Tribuna*, fallando do combate de Riachuelo o das passagens de Morenos e Cuevas, que se não fosse a esquadra argentina, oi de nós!

A tal esquadra compõe-se do um unico vaporsinho muito manhoso, o *Guarda Nacional*, do genero d'esses que atravessão diariamente nossa bahia, carregados de caçoieras de galinhas que a gente de S. Gonzalo e Villa Nova vem vender na côrta.

Quando leio a *Tribuna* não posso deixar de rir-me, como se estivesse assistido a uma scena comica do Vasques. Mas creio firmemente que o seu redactor, quando a escreve, ainda se ri mais do que eu.

Em Montevideo andão os *blancos* de canto chorado,

sem sabermos onde se hão de refugiar para escaparem á justa *vendetta* dos colorados.

Não há recanto, por muito ermo que seja, que lhes pareça seguro valhacouto. De todos desconfião, principalmente de seus proprios correligionarios.

Enfim, elles são *blancos*, lá se entendem!

## PUBLICAÇÕES MUSICAES

Na loja de musicas de Sidow & C. forão impressas duas elegantes composições do Sr. Venancio José Gomes da Costa Jr., intituladas:

*Ao luar* — canção,  
*Lágrimas de Saudades* — valso.

Em casa dos Srs. Meirelles & C. imprimirão-se quatro bellissimas produções do maestro *Besanzoni*:

*Burcarola* para canto  
*Non vive chi non ama*, canção,  
*L'amore*, romance.  
*Tarantella*, para piano e violino.

Um minuso romance do Sr. Demetrio Rivero, intitulado:

*Oh, dites moi!*

Uma modinha do Sr. Francisco de Magalhães Cardozo:

*Anjo do Céu...*

Um hymno marcial á passagem de Humaytá, musica do Sr. José Lohato, poesia do Exm. Sr. Dr. Pedro Luiz.

## THEATROLOGIA.

Cabio o ministerio!

Não oxulto a opposição: foi o da rua da Ajuda.

Uma serie não interrompida de contrariedades, e que o Sr. Labrunie não pôde resistir, atirou por terra com a empreza da opera comica.

Era digno do melhor sorto o empresario?

Varião as opinões a tal respeito. Se querem ouvir a minha direi aos leitores com a mais ingenua franqueza, que se os *Mosqueteiros* não correspondião ás exigencias do publico, seguirão-se-lho depois espectaculos, que merecião melhor apreciação.

Mas a chuva veio arrefecer durante noites consecutivas a boa vontade dos *habitues*, e a má impressão da estrêa, reunida ao medo do molhar os pés, obrigou os frequentadores a mudarem de rumo.



**ASSASSINATO DO GENERAL D. VITAL**

no dia 19 de Fevereiro

(Cópia do filme de um dossoho da época)



**VENANCIO FLORES, nas ruas de Montevideo**  
**perreiro proximo passado.**

So em Montevideo pelo correspondente da — *Vida Fluminense*.

Ora, sem espectadores não se faz dinheiro n'um theatro!

E' claro.

Conseguirão as difficuldades.

Os coristas revoltarão-se: o ponto fallou alto, contra todos os preceitos da arte dramatica: Mlle. Beatrix teve um ataque de nervos, Mlle. Lucie pulou deversas, apesar de não saber o que é um *entr'acte*, o até o pacifico Mr. Paris tornou-se rubicundo como tomate maduro.

Levantarão-se queixumes dolorosos, e de fazer arripiar as carnes!

Intervio então a policia, que animada do nobre intento de pôr termo ás cousas, mandou postar duas sentinellas armadas á porta.... do hotel do Lisbôa.

O hotel nada tinha com os apuros do Sr. Labrunie e portanto não havia razão para esbulhar os pensionistas, (que mediante noventa mil réis mensaes haviam adquirido o direito incontestavel de almoçar, jantar e ceiar), das regalias concedidas a todos os estômagos. Mas que querem? Os permanentes entendido o contrario.... e tinham ordem de não deixar passagim livre a quem quer que fosse.

Seguirão-se reclamações, notas diplomaticas e não sei que mais; resultando de todo esse apparato bellico a retirada das duas sentinellas e enorme brecha nos opiparos manjares do hotel, assaltado em regra pelos pensionistas, que a policia reduzira á fome durante vinte e quatro horas!

Enfim.... era cousa muito para ser vista e admirada!

Rai morto: rei posto, diz o rião; e assim aconteceu.

Ao passo que Labrunie sabia por uma porta, entrava pela outra o novo empregario ao som das acclamações dos artistas escripturados e das maldições d'aquelles, que não lhe haviam merecido a graça.... do um contrato.

O novo director, pela longa pratica que tem do Alcazar, conhece o gosto do publico, e fino como é, tencionava empregar todos os meios a seu alcance para reger o theatro, de que tomou conta.

Todo o joio, que havia na companhia do canto, foi cuidadosamente separado, e dizem-nos que o mesmo acontecerá com os dançarinos.

Os espectaculos apresentados ultimamente têm agradado, o que já não é pouco nesta época de exigencias gigantescas. Completá a companhia com mais dois ho-

mens, que tenham voz e conheção na scena, indo correr ás mil maravilhas.

Não fallarei aqui do *Toreador*. E' nova para mim a *partitura*, e o leitor já sabe que não gosto de guiar-me pelas impressões da primeira representação.

De que fallarei nesse caso?

Dos *Masqueiros* ainda? dirá o leitor.

Porque não? Pois o leitor não acha, que, se a par da Mme. Dauran (que cantou divinamente a aria do 1º acto na quarta-feira passado) a companhia tivesse um *tenor* e um *baixo* que merecessem tal classificação, teria aquella opera tido um exito colossal entre nós?

Não Alcazar debutou Mlle. Flore Rozat que justificou plenamente a reputação, que a precedera. E' uma artista de porte distincto que me parece destinada a despertar o mais vehemente enthusiasmo logo que seja melhor comprehendida pelo nosso publico.

## Um passeio ao Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

VII

A estalajadeira estava impaciente a mais não poder. Essa mulher magra e alta e que nada devo á belleza, desesperava-se com a demora dos hospedes e olhava desconfiada para o relógio.

Erão duas horas e nada do apparecer a illustre companhia, que ainda trocava as pernas pelas avenidas do Jardim.

Desconhecendo os habitos do velho, que exigira que o jantar fusse feito a terminação sua, grasinava e ralhava a pobre dona do hotel com Nêno, que nem por isso era culpada.

— « Lá se avenhão! » gritava a moça, como para esfriar o enthusiasmo da mãe. E o corte é que em parte conseguiu esse *desideratum*.

Quando estavam no meio da mais impertinente converso, entrão Arthur e Roberto.

— « Cerveja Bass e copos! » gritarão os heróes, ao transpor a porta da sala de jantar, d'essa sala onde vai desenrolar-se uma serie de episodios, que o leitor apreciará em breve.

Não foi preciso segundo intimação. A dona do hotel da *Italia*, verdadeira *Thebana* que era, servio em um



apice aos dous rapazes, que sequiosos esperavam sentados

— « Aos olhos da Nêné ! » exclamou Arthur empunhando um copo.

— « A sua boquinha mimosa ! » saltou Roberto todo assanhado.

A Moça deu um mochôcho.

— « O senhor não pôde dizer isso ! Veja bem Sr. Roberto... » olhe que eu conto a D. Guilhermina ! »

— « Bravo ! não querem vêr ? ! » grita Arthur.

— « E deu uma estrondosa gargalhada. »

Batem palmas.

— « Quem é ? »

— « O Fausto. »

— « Oh ! que firma ! » exclamou Arthur.

— « Que zêbra ! » ! Atalhou Roberto.

E lá foi a estalajadeira recebê-la.

— « Conhece esse *quidam* ? » perguntou Arthur a Nêné.

— « Não. É a segunda vez que o vejo, mas conta-me que é fátuo e presumido como ninguém. »

— « E idiota. »

— « Chi !!! » exclamou ingenuamente a moça.

— « Não sabes ? Diz que de todas as variedades da mulher, da que mais gosta, é da mulher magra ! »

— « Que horror ! »

— « Porque é menos difficil de reer, diz elle ! »

— « Deixa-lo ! Vou propor um brinde ás moças gordas ! »

— « Olhe ? ! Veja bem que eu nada tenho de gorda... »

— « Está bom, diz Arthur, mas é cheia... »

— « Do caros ! interrompeu Roberto.

E todos belorô. »

O tal Fausto não chegou a entrar ; montou a cavallo e lá foi caminho da cidade.

A *Madama*, como chamavam os rapazes, não quiz dizer a que tinha vindo o sujeito ou não soube mesmo. Foi mysterio ! nem o leitor perde nada com isso !

Enquanto se representava essa scena no hotel, a familia Ambrosio transpunha a porta do jardim.

O velho estava enfado ; altercára com a mulher e a filha e a instancias daquella, resolveu esperar no que *darião as cousas* e receava ao mesmo tempo perder um *bom partido* ! A mezinha lambia-se de satisfação e já parecia ver precouando, o que não passava nem por sombras pela cabeça do pai !

Cuidado ! Essas mezinhas souhio às vezes cousas...

— « O que foi que papai te disse ? » perguntou Guilhermina.

— « Não é da tua conta ! » exclama Josephia.

— « Ah ! estás com parios ! Espera ! »

E não deu mais palavra.

Que sem sal foi essa volta á casa !

Vinhão todos casmurros, só os meninos pulavão e atiravão pedradões em quanto pobre burro encontravão a pastar na estrada. Janjão, trazia os calças em tiras ; o joelho espiava por formidavel buraco e quando o vouto levantava-lhe o ligeiro palotot do alpaca, via-se flutuar uma ponta de fralda de camisa, que recebia logo de Brígida a intimação de recullir-se aos bastidores ! Essa desgraça proveio de forte diabrura feita pelo rapaz, que ensaiava-se em polir no rego d'agua e tanto pulo deu, que foi cahir em cheio. Mollhou-se todo, espatifou a roupa o eslevo de côcoras no metter, uma boa hora e em trajes primitivos, enquanto secava-lhe o fato ! Manduea coussava-lhe francez, pregava-lhe peças e divertia-se em tocar-lhe de longo com um comprido canço.

Que supplicio para o rapaz !

E lá esteve a secar ao sol, como lagartixa no muro ! Eufim ! entrou no hotel a *sacra* familia !

A Nêné e os rapazes, estavão na sala de visitas e aquella deixava correr distrahidamente os dedos, sobre as alvascentas teclas de um piano de *Pleyel*.

Quando outrôráo, Arthur disse em voz baixa a Roberto :

— « Vamos apreciar o effeito da minha carta.

— « Deos queria... »

E não teve tempo de concluir. A Nêné exclamou :

— « Sr. Arthur, vou tocar a polka da sua predilecção. »

— « Ora... ainda se estas senhoras quizessem dançar... »

— « E porque não ? Pois as senhoras não dançardão com estes cavalheiros ? Danço, sim ! »

E com todo o desembaraço bateu palmas e em tom de quem ordena :

— « Tirem pares, meus Srs !

Roberto não se fez repetir o convite ; como tólo que era investiu (é o termo) para Guilhermina e deu-lhe o braço.

Arthur avançou timidamente para Josephia, que morria mesmo por isso :

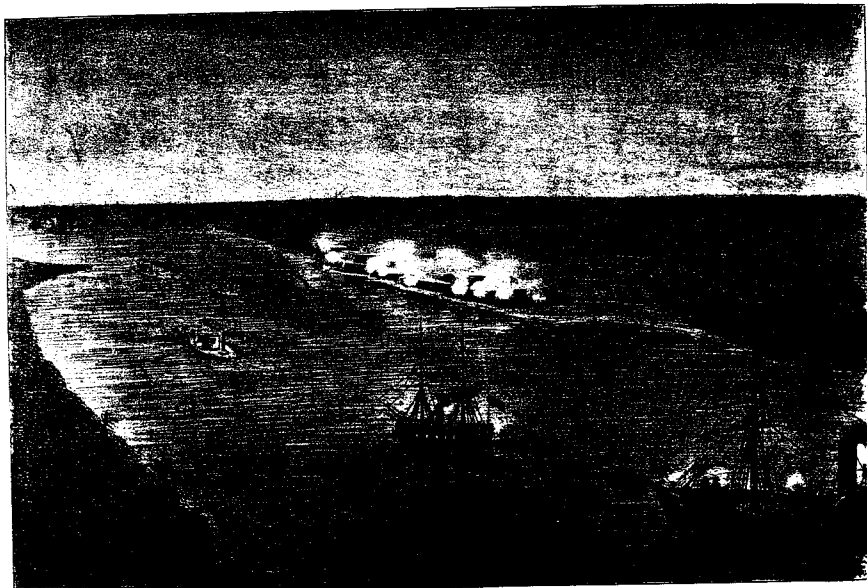
Ambrosio, felizmente conversava sobre o jantar com a *Madama*.

A velha... era natural de bom goio !

A Nêné começou a tocar primorosamente a « *Morantina*. »

E dois minutos depois, torvelinhavão na sala esses dois pares fagueiros, essas entidades felizes !

( *Continúa.* )



**Passagem do Curupatty**

effectuado, na noite de 13 de FEVEREIRO proximo passado, pelos monitores *Pará*, *Alagoas* e *Rio Grande*,<sup>35</sup>  
ordens do Chefe de Divisão, Barão da Passagem.  
(Segundo um esboço remetido de Carrientes à — *Vida Fluminense*).

Na hora aprazada, D. Gaspar entrou na sala, acompanhado pelo piedoso amigo, de que ha pouco fallára, e apresentando-o, disse :

— O Sr. Mathews Oriscopp, que aqui vades, é valente como um Macbeth, sem deixar porisso de ser tão virtuosos como um santo anacoreta.

Mathews Oriscopp tinha rosto grande, descarnado e macilento, braços compridos, pernas compridas, mãos, pescoço e tronco compridos; olhar baixo, nariz adunco, lábios finos e descorados. Estava trajado de preto e trazia á cinta uma espada e um punhal com cabos de ferro.

Durante a ceia, Mathews não proferiu uma palavra; comeu como um colosso, bebeu como um Titão.

D. Gaspar, pelo contrario, mal encostava os lábios no dourado licor da Champagne e das margens do Rheno. Todo elle era cortezia, e só erguia a voz para dar alguma ordem a Peters, que tremia, como treineo o cordeiro diante do lobo.

Carquefou ia no entanto empalmando os aves, lebres e garrafas de vinho que podia, e murmurando ao ouvido de Domingos : « é fariol para a viagem. »

Domingos admirava a voracidade de Mathews, e não comprehendia como tantos comestiveis podião caber no estomago de um mortal.

Numerosas criadas tão e vinhão sobrecarregando sempre a mesa com novas iguarias.

Depois de breve silencio, o cavalheiro hespanhol perguntou em tom de indifferença ao seu amigo :

— A proposito, Mathews Oriscopp, não me disseste ha pouco que os cavallos destes senhores estão muito doentes ?

— Doentes ! exclamou Armando.

Mathews respondeu gravemente :

— Muito doentes. Hoje pela manhã, depois da missa, entrei na estabaria para ver se tinhão bastante razão, e foi com apegua que os eue, entrei estendidos no chão. Pobres animaes !

Reinaldo correu á estrebaria e verificou que os cavallos estavam morrendo. Mathews, que o acompanhára, disse :

— A Providencia manda-nos ás vezes provas destes; tenha paciencia; denzias, a estolagem não é má.

Um tal incidente contristou os viajantes; já não era possível partir no dia seguinte.

Carquefou, que tinha sahido da sala momentos antes sem ser apresentado, voltou nas pontas dos pés, fechou cautelosamente a porta, olhou em torno de si e poz um dedo nos lábios, impondo silencio. Estava pallido. Domingos acompanhava-o de perto. Pareciam ambos consternados.

— Que aconteceu ? perguntou Chautfontaines.

— Aconteceu que devemos pormos-nos ao fresco

quanto antes. O tal D. Gaspar não é senão um segundo volume do celebre capitão Jacobus.

— Heim ? disse Reinaldo.

« Sr. marquez, fallemos baixo. Esta estalagem está ingrada do tratantes ! Ligeiros indícios puzerao-me de alestia : o tal D. Gaspar não bebia e incentivava os esvasiar os copos ; porisso, 'esqueirei-me dizendo aos meus botões : aqui ha causa ! Nun patee interior, onde nenhum de nós tinha ainda entrado, encontrei doze patifes, regalando-se entorno de uma excellente mesa. Que caras ! Domingos foi comigo ; elle que diga como erão os laes caras ! »

Domingos fez um gesto de horror ; Conquefou proseguio :

« Domingos que é muito medroso deitou a fugir ; eu, porém, que ainda sou mais poltrão do que elle, nem pude pôr-me ao fresco ; fiquei livido e immovel. O cheve dos doze bradou-me : « Aproxima-te ! Bebe ! » Eu, que não gosto do desfeitar ninguém, heli. Perguntarão depois se eu não era da comitiva que vinha de França. Respondi com um aceno de cabeça affirmativo. Disserão-me os doze então em côro :

« Pois nós acompanhámos D. Gaspar d'Albacete, capitão sem igual nas emboscadas, a não ser seu ajudante de ordens, o digno Mathews Oriscopp. » Ouvindo estas palavras fiquei sem pinga de sangue ; folizmente como tenho cara de tolo, julgarão-me mais estúpido do que realmente sou e questionão-me a valer. Minhas respostas contentarão-os tanto, que acabarão por me convidarem para me alistar nas suas fileiras e encarregarão-me desde logo de substituir vossas espadas por laminas de folhas de flandres, o que prometti fazer. »

— Como ? Pois prometeste-te ?

« Oh, senhor marquez ! Todos sabem que não sou herói ! Os doze amigos tem oito ou dez companheiros que rondão pulos arreluros, e tiveram a amabilidade de communicar-me que o capitão Gaspar propunha se offerecer sua mão a uma francezinha recém-chegada á estalagem da Cruz de Malta. O casamento será feito sem sacerdote, e o Sr. Mathews servirá do testemunha. »

Adriana empallideceu e coucheou-se a Armando. Carquefou continuou.

« Portanto, a cavallo ! o a galoje ! Somos apenas quatro, contando Domingos, e elles são vinte, sem contar os que não vi. »

— Nossos cavallos estão quazi mortos ! disse Reinaldo.

« Ah, mariola ! São artes do Mathews ; vio-o esta manhã entrar na estabaria ; á tarde vio-o do novo ! Querem ver que deum animal veneno aos pobres bichinhos ! bradou Carquefou.

Reinaldo e Armando ficaram-se boquiabertos.

— E eu que queria confessar-me a Mathews Oriscopp julgando que era um erudição disfarçado ! disse Reinal-

do dando um murro na mesa. Pois bem! armas em punho, camaradas! ataquemos d'improviso os bandidos, apoderemo-nos de seus cavallos, e abramos um caminho á força diante de nós.

— Sr. Marquez, eu desmaiaria com toda a certeza antes de chegar ao fim da escada! disse Carquefou.

N'este momento soábo oito horas. Carquefou poz-se a andar muito apressadamente na sala de um para outro lado, exclamando:

« O terror esculda-me a cabeça; consintão que aproveito este vislumbre de entusiasmo, o que me nomeio a mim mesmo capitão interino; quando for occasião de brigar, pedirei minha demissão. Lá estão os dozes malandros regalando-se com excellento vinho; corro á casa de um armeiro meu conhecido, compro duas espadas e as apresento aos bandidos, dizendo que já as substitui pelas folhas de flandres. Naturalmente convidão-me para beber. Tenho aqui na algibeira um pacotezinho de pó sacro; outros os dentro dos cangirões de vinho, onde os taes patuscos estão a sede. Esviados os cangirões, esgueiro-me na estrebada, onde descendo os bucephalos de D. Gaspar e do piedoso padre Matheus.

— Tens a chave? perguntou Reinaldo.

— Não; mas conheço Peters! E' quanto basta.

— Peters? perguntou Adriano.

— Ou me engano muito, ou Peters deve odiar D. Gaspar, que tanto o maltrata, acrescentou Carquefou. E' portanto um auxilio com que podemos contar. Peters levou-me um dia á presença dos ginetes do fidalgo hospanhol; que lindos enimes. Ha um homem que os guarda dia e noite; se for complice, ajudar-mo-ha a ensilhal-os; se for altanoso introduzir-lhe-hei na guela um argumento de aço, que o obrigará a ser discreto.

— Bravo! exclamou Reinaldo.

— Muito bem! Porém não... que faremos? perguntou Arnando.

— Esperem! Enquanto ando por lá, convidem o capitão o seu acolyto para mastigarem alguns saborosos petiscos. A Sra. Souvigny faria as honras da recepção tocando e cantando alguns pedacinhos escolhidos. Neste interim eu amarei lá por fora, e quando minha tarefa estiver acabada, virei dar o signal debaixo desta janella, um assobio, por exemplo. Procurem argumentos eloquentes, meus senhores, para convencê-los de que não se devem oppôr á nossa partida.

— Minha eloquencia é esta! disse Reinaldo batendo nos copos da espada.

— Agora, emprestem-me Domingos, disse Carquefou.

— Hold, Domingos! badeu Arnando. Está á disposição do Carquefou. Segue-o!

— Camarada! Talvez to quebrem algum etsinho! ponderou Carquefou.

— Somos todos mortaes! respondeu respondeu resolutamente Domingos.

— Então, a caminho! disse Carquefou, e ambos sahirão precipitadamente.

Momentos depois um criado de Reinaldo introduzio na sala D. Gaspar e Matheus Aniscopp.

— Que acaso proporciona-nos tão agradável surpresa? perguntou D. Gaspar entrando.

— O desejo de passar alguns instantes mais com gentishomens taes como vós, respondeu Arnando.

D. Gaspar sorriu maliciosamente.

Matheus disse com hypocrisia:

— Eu estava rezando. Deos me perdoará de ter preferido a interrompido a oração para acceder a tão lisongeiro convite.

(Continúa.)

## A VIDA FLUMINENSE

Os proprietarios deste semanario publicão annunciõs illustrados pelos preços seguintes:

Meia pagina com desenhos a lapis ou a penna 30\$000

pagina inteira 50\$000

A pessoa que encomendar um annunciõ illustrado do 1/2 pagina terá direito, alem da publicação no corpo d'este jornal, a receber em avulso com exemplares do mesmo annunciõ sobre papel branco.

A que encomendar um annunciõ da pagina inteira receberá 150 exemplares do mesmo annunciõ sobre papel branco e de côres, e terá igualmente direito a publicação do «apreitado» annunciõ.

Annunciõs escriptos—120 a linha.